

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO NA REDE PÚBLICA: DISPOSITIVOS PARA UMA CLÍNICA A CÉU ABERTO

Analice de Lima Palombini; Vera Lúcia Pasini; Andielli Silveira; Andrea Villas Bôas Mello; Janaína Dolores; Luísa Canfield de Castro; Isadora Silveira Ligório; Liliana Dantas da Silva; Luana da Silveira Gross; Ana Carolina Brondani

O *ATnaRede* desde 1998 opera como projeto de extensão, ensino e pesquisa vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS, em torno da prática do Acompanhamento Terapêutico (AT) - modalidade da clínica que se propõe a acompanhar um sujeito no seu cotidiano, favorecendo a sua circulação social e a ampliação de seus laços e possibilidades de vida. Em parceria com serviços da rede pública – assistência social, saúde, justiça... –, acolhe demandas oriundas desses serviços, com os quais mantém interlocução, propondo-se como mais um ponto numa rede para pensar e compor o trabalho. O projeto tem incidência sobre três âmbitos articulados em que uma rede de atenção psicossocial é tecida: na relação com os usuários indicados por cada serviço para serem acompanhados, com foco nas estratégias de interação com o meio e constituição de modos de vida; na relação com as equipes dos serviços em que se atendem esses usuários, com foco na problematização dos demais dispositivos em uso bem como nas composições de que se vale a equipe para responder ao que lhe é demandado; na relação com o processo da reforma psiquiátrica em curso, com foco no funcionamento da rede e nas formas como as comunidades locais respondem à desinstitucionalização da loucura. É composto por estagiários de psicologia, extensionistas, residentes de saúde mental coletiva e pós-graduandos de psicologia e áreas afins, sob supervisão de docentes do Instituto de Psicologia.

No exercício dessa clínica sem muros, a céu aberto, o acompanhante terapêutico é intensamente demandado, em seu corpo e nome próprios, fora do abrigo das paredes institucionais, a ser continente das questões, por vezes bastante complexas, que colocam impasses à vida cotidiana de seus acompanhados. Assim, torna-se um desafio dar materialidade ao projeto em apoio à ação dos acompanhantes terapêuticos, de forma que o projeto mesmo – e não somente o próprio acompanhante terapêutico – possa consolidar-se como referência para os usuários acompanhados e dar corpo institucional à proposta. Nesse sentido, o grupo tem experimentado alguns dispositivos clínico-institucionais: a “caderneta” do caso em AT, que é transmitida de um acompanhante a outro (nos momentos de passagem de casos); o desenho do mapa das redes, que localiza, no mapa da cidade de Porto Alegre, os acompanhamentos realizados e as redes territoriais de apoio com que cada caso conta; os piqueniques a cada semestre, onde os acompanhados estão convidados a compartilhar conosco um momento de encontro num parque da cidade, conhecendo-se uns aos outros e aos rostos que compõem o projeto. Também conta com duas bolsistas de extensão – uma estudante de saúde coletiva e outra estudante de jornalismo – que colaboram com a proposta desde suas áreas próprias de atuação, ajudando, uma, a mapear as redes de apoio e cuidado com que o projeto interage; e outra, a dar visibilidade ao projeto e aperfeiçoar a sua comunicação, no interior do grupo e na relação com as comunidades e serviços com que atua.

Na proposta da Tertúlia, pretende-se apresentar cenas da experiência de acompanhamento terapêutico que coloquem em causa esse exercício clínico “desabrigado” em interação com os dispositivos clínico-institucionais citados.

Descritores: reforma psiquiátrica; rede de atenção psicossocial; acompanhamento terapêutico